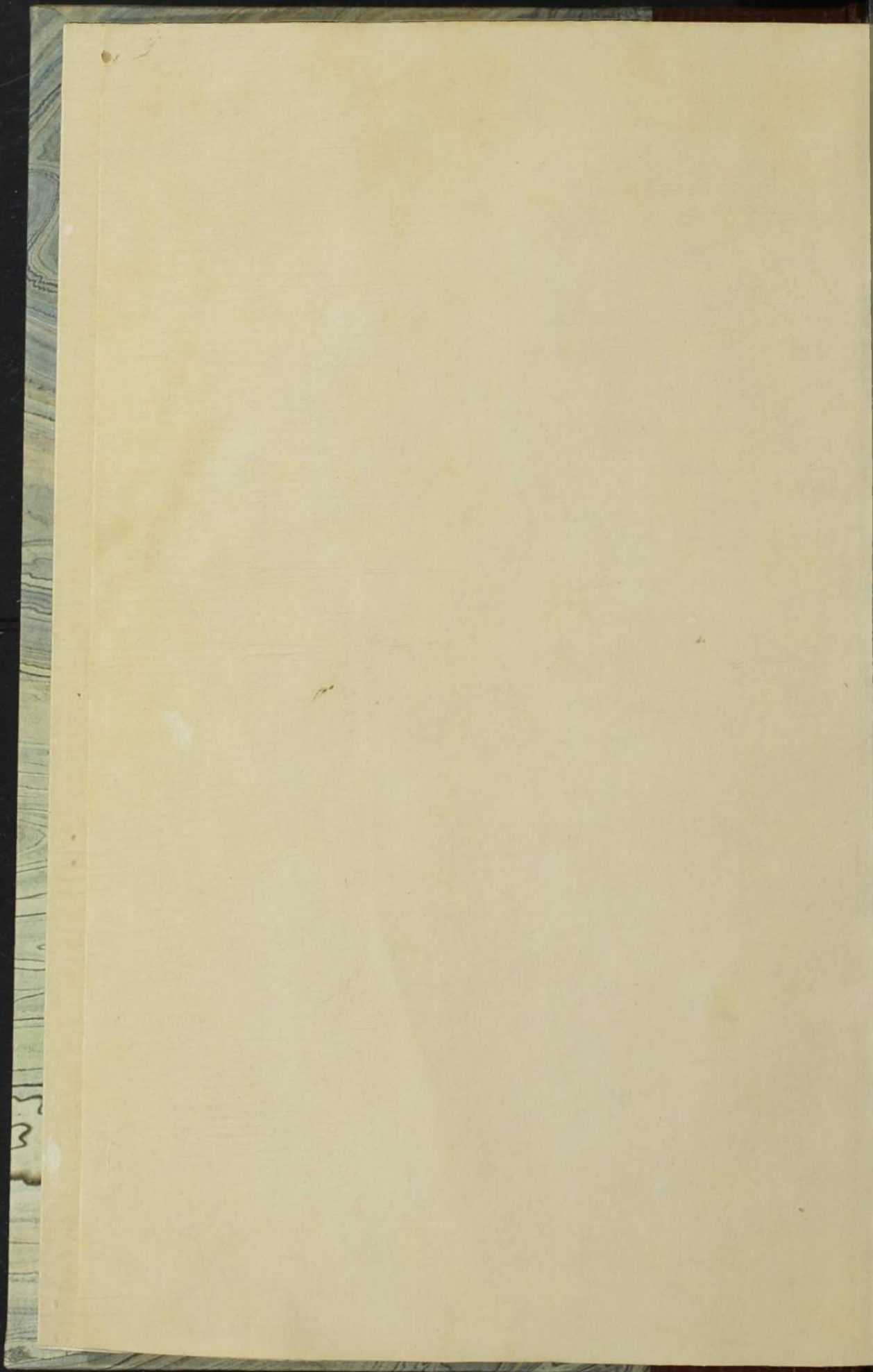




P  
8993







# ELOGIO DRAMATICO

Em Tres Epochas

*Recitado no Theatro Particular de São Pedro d' Alcantara*

DA CIDADE DO DESTERRO

Em o Faustissimo Dia 12 de Outubro de 1852  
Septimo Anniversario da chegada de

SS. MM. II.

A esta Provincia.

COMPOSTO E OFFERECIDO AOS CATHARINENSES

Por seu Patricio

*O Padre Joaquim, Gomes d' Oliveira e Paiva.*



**SANTA CATHARINA**

*Typographia Catharinense, rua da Matriz, casa n. 2.*

**1852.**



THE UNIVERSITY OF CHICAGO

PH.D. THESIS

BY

DR. [Name]

IN THE DEPARTMENT OF [Department]

19[Year]

CHICAGO, ILL.

UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS

19[Year]

CHICAGO, ILL.



UNIVERSITY OF CHICAGO

PH.D. THESIS

19[Year]

CHICAGO, ILL.

UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS



P 8993

# ELOGIO DRAMATICO.



## **Interlocutores.**

*O Brasil. — A Liberdade. — O Prata. — O Genio Tutelar do Imperio. — A Victoria. — O Despotismo. — A Guerra Civil. — Um Côro de Virgens.*

## **Scenario.**

O Theatro representa durante o primeiro Quadro, a bahia do Cubatão, em frente a cidade do Desterro; á direita um Templo, e á esquerda, nas faldas do monte da Pedra Branca as margens do rio Maruhy.—A acção tem lugar á 7 de Setembro de 1851.

## **Vestuario a Character.**

O Brasil representa um Indigena, trajando côres verde e amarella. Igual character representa o Prata com differença de côres.

A Liberdade é uma Donzella vestida de branco com uma corôa de flores, sustentando na mão direita um sceptro, e na esquerda uma gôrra.

O Genio Tutelar apresenta-se de armadura, lança, e um escudo com a legenda — Deos protege o Brasil—.

A Victoria traja saio entre as côres branca e azul, coroada de louros com uma igual corôa na mão direita, e na esquerda o estandarte imperial, onde se lê as palavras —Triumpho á Causa da Justiça—.

O Despotismo traja as côres vermelha, e preta, empunhando na mão direita uma vara com ponta de ferro, e na esquerda grossas cadeias.

A Guerra Civil traja vestes ensanguentadas com um punhal em cada mão.


As virgens trajão vestidos brancos, corôas de flores, ao tiracol uma faixa verde com estrellas amarellas, e tem nas mãos ramos de flores.



# ELOGIO DRAMATICO.

---

## ACTO UNICO.



### PRIMEIRO QUADRO.

#### Scena 1.<sup>a</sup>

#### LIBERDADE.

São estes campos a mansão ditosa ,  
Onde o Joven Brasil tranquillo habita ! . . .  
São estes prados os jardins florentes ,  
Que a Natura ideou p'ra seus encantos !  
Nestas risónhas plagas tão amenas ,  
Tão bellas como o Eden de delicias  
Onde o Supremo Artifice do Mundo  
Fez a morada do primeiro homem ,  
Goza serena paz , contente vive  
Esse valente e audaz filho dos bosques.  
Aqui respira livre e sempre unido  
Um povo industrioso , rico e forte.  
Aqui jamais oppressa a humanidade  
Jungida ao carro de feroz tyranno  
Arrástará grilhões que nos aviltão.  
A sombra de uma Lei , que a Liberdade  
A' Monarchia unio em doce abraço ,  
Florece esta Nação abençoada ,  
Servindo de modêlo ao velho mundo :  
Emquanto o infeliz Prata , que se ufana  
De no seio aquecer a Liberdade ,  
Depois que a seu irmão abandonando



Livre se proclamou e independente ,  
Hoje vertendo lagrimas sem numero  
Vê seus filhos morrendo em crua guerra ;  
Vê com dôr a licença succedendo  
Aos suaves direitos que eu inspiro ,  
E após instantes fero Despotismo  
Firmár dominio atroz entre seus muros.  
Oh! dos homens cegueira tão funesta !  
Oh! fallaz egoismo ! Quantos males  
Avido arrastas sobre um povo incauto !!..  
Que importa ter nos labios Liberdade  
Quando a ambição do mando o peito abraza ?  
Que importa ter de povo livre o nome ,  
Queimar incenso sobre minhas aras,  
Quando a Nação á ferrea vontade  
De um cruel Dictador oppressa geme ?  
Eis a mesquinha sorte , que te coube ,  
O' desditoso Prata ! eis os destinos  
Que o Senhor das Nações te reservara !  
Curvado ao pezo de infortunios tantos  
Tu ves murchar os louros do passado,  
Contemplas um presente desastroso,  
Antolhando o futuro tão medonho !  
E onde estás ó Brasil , que não soccorres  
O caro Irmão , que teu auxilio implora ?  
No remanso da paz adormecido,  
Cercado de delicias , e praseres  
Folgas nestes sertões silenciosos ,  
Sem ouvir os clamores d'agonia.....  
Onde estás ó Brasil ? Ah sem demora  
Vem em defesa de um Irmão querido ;  
Vem salvarás tambem a Liberdade  
Porquem constante has off'recido o sangue.  
Mas... eu vou procurar-te nestes bosques.



Nestas lindas florestas, cuja sombra  
Convida a descansar da calma ardente ,  
Ou junto ás margens bellas e arenosas  
Do ameno Marahy , ou sobre a grimpã  
D'aleantilada e immensa Pedra Branca ,  
Que semelhante as torres de um castello,  
Antigo como o Mundo , nos offerece  
Negros traços , que obrou a mão do tempo ,  
Descobrimdo o mais bello panorama;  
Ahi talvez repouses contemplando  
Tua ditosa sorte , e então cumprindo  
Minha nobre missão , serei tranquilla.

*Vai-se.*



### Scena 3.ª

BRASIL.

Salve da paz habitação serena !  
Salve de Santa Cruz extenso Imperio  
Onde reina a Concordia ! Salve sempre  
O' d'America ameno Paraiso !  
Que gratas emoções meu peito abalão  
Vesitando estes sitios aprasiveis !  
Que flagrancia divina , que ar tão puro  
Respira um coração neste retiro !  
Gosar da Liberdade o doce influxo ,  
Sem temer da licença acerbos p'rigos ;  
Ver elevado um throno magestoso  
Sobre mil corações agradecidos ;  
Possuir uma Crôa refulgente  
Que offuscando as Nações da prisca Europa  
Faz meu peito inflammar de um justo orgulho ;



Ver em torno de mim formosa prole ,  
De nobres sentimentos revestida ,  
Que prudencia na paz , valor na guerra  
Sabe mostrar em face ao mundo inteiro ;  
Que unindo á liberdade a Monarchia  
Soube consorciar dous elementos ,  
Unicos para a geral prosperidade ,  
Oh quanto é doce , grato , e lisongeiro !..  
Estes dons divinaes tão preciosos,  
Que aprouve a um Deos Clemente conceder-nos  
Possão servir de eternos monumentos  
A' justa gratidão dos Brasileiros.  
Sim em honra de um Deos Beneficente  
Arda nos templos do fiel Desterro  
O puro incenso , e seus altares mostrem  
Essa victima santa , e incruenta ,  
Que á voz do Sacerdote venerando  
Sacrificada vemos em misterio.  
E vós Senhor que o Céu , a terra, os mares  
Regeis com vossa Dextra omnipotente ,  
Que presidindo á sorte dos Imperios  
Com a paz premiáes, e com a guerra  
Punis insanos povos que despresão  
Essas leis e preceitos salutaes ,  
Que no cimo do Golgotha affrontoso  
Com vesso proprio sangue promulgastes .  
Sobre o Brasil e seus queridos filhos  
Lançai piedosas vistas , e seus passos  
Jámais errêm o trilho da virtude.  
Dai-nos , Senhor , serena paz , e sempre  
A vossa protecção em nós realce !.....

---



**Scena 3.<sup>a</sup>**

O MESMO, E O GENIO TUTELAR.

GENIO.

Ao inclito Brasil paz e ventura  
Dos Ceos envia um Deos Benevolente :  
E aos caros filhos seus valor , constancia  
Religio , amor , patriotismo.

BRASIL.

Essas palavras cheias de doçura  
Um genio benfazejo assaz indicão !  
Mas dise-me quem és , e que procuras  
Nas ermas solidões onde me encontras ?

• GENIO.

O Genio Tutelar do vasto Imperio  
Que da Cruz preciosa o nome adorna.  
E esta lança que na dextra impunho ,  
Este escudo que o braço meu sustenta ,  
Por ordem do Sob'rano do Universo  
São em tua defesa consagrados.

BRASIL.

Deixa, ó Anjo celeste , que humilhado  
Adore teu poder . . . . .

GENIO.

Não me agradeças ;  
A Deos somente eleva teus louvores ,



E ouve a doce missão que os Ceos t'envião :  
Este sol tão benigno e venturoso ,  
Que hoje no Firmamento resplandece ,  
Marca em doiradas paginas o facto  
De tua gloriosa Independencia !

*(ouvem se alguns tiros d'artilharia)*

Eis o bronzeo canhão troando ao longe  
Nesse de Santa Cruz antigo Forte !  
São as festivas salvas , que saudão  
Ditoso anniversario desse dia ,  
Que vio sacudir despedaçadas  
Cadêias , que teus pulsos algemavão !  
Celebra pois contente o gram successo  
Que arrancando á Europa uma colonia ,  
A' America doou um novo Imperio.

BRASIL

Doces recordações ! Foi este dia  
Alma origem de minha f'licidade !  
Sob os auspicios deste sol benigno ,  
Debaixo deste Ceo ameno e bello  
Vi contente assomar o meu futuro ,  
Grato e risonho como a Liberdade !  
Então reunindo as forças de minh'alma ,  
Bradei altivo — A minha Independencia !!...—  
Este grito resôa entre as montanhas ,  
E ao reclamo de um Pai os caros filhos  
Os grilhões atirando aos oppressores ,  
Já respondem bradando em toda parte  
Independencia ou Morte !.....

GENIO.

Sim stàs livre.

Mas na effusão de teu enthusiasmo  
Não olvides a Dextra Bemfazeja,  
Que após esse favor assignalado  
Inda innumeradas graças te ha cedido ,  
Sobre ti derramando os bens, que gozas.

BRASIL.

Não esqueço de um Deos altos favores ,  
Nem seu grande poder eu desconheço.  
Das Nações Soberano, em grande livro ,  
Com letras indeleveis tem marcado  
Aos Imperios do mundo o seu principio ,  
O seu progresso, gloria, e decadencia.  
Juizos Divinos e imprescrutaveis  
Cumpre aos humanos respeitar somente !! . . .

GENIO.

Desse peito leal os sentimentos  
Teu Genio sabe. e Deos os recompensa.

*Vai-se.*



### Scena 4.<sup>a</sup>

BRASIL.

O' Anjo Bemfeitor os Céos te escutem !

*( Depois de breve pausa )*

Livre nasci, sou livre, e livre sempre . . .  
Meigas palavras, doce pensamento !  
Na mais bella porção do terreo globo,  
Que a Mão edificou de um Deos Immenso ,  
Vivo ditoso, e meus ditosos filhos



Engolfados na paz e n'alegria,  
Mil vezes o meu nome repetindo  
Entre vivas de puro entusiasmo,  
Bem dizem o paiz, em que nasceram.  
A provida natura não mesquinha  
Meu terreno abastou de seus thesouros:  
O lucido diamante, o oiro, a prata  
Enriquecendo o seio deste Imperio,  
Nutre a cubiça das Nações do mundo.  
Meus longos campos sempre matizados  
D'arvores fructif'ras, de festões de flores;  
A flagrante ambrosia que convida,  
As avesinhas ao suave canto;  
As Choréas gentis d'vivas rosas,  
Que enfeitão meus jardins deliciosos;  
Tudo compõe esta mansão ditosa  
Digna d'habitação dos proprios Anjos.  
Demais inda uma flor à corôa cinjo,  
Um precioso adorno em mim contemplo,  
Throno firmado em liberaes columnas.  
Ignoro a escravidão: o jugo infame  
Do feroz Despotismo não me opprime.  
De pezados grillhões pulsos immunes  
Quaes creou a Natura os considero.  
O Altar, a Liberdade, o Throno, a Patria  
Só meus cultos merecem, só meu sangue.....  
Livre nasci, sou livre e livre sempre!



**Scena 3.ª**

O MESMO E A LIBERDADE.

LIBERDADE.

E se acaso o valor, que forte ostentas



A face das Nações da grande America ,  
Não bastão para prova da verdade ,  
Que partindo de teus ardentes labios  
Inda á pouco soava nestes montes ,  
Eis a teu lado a propria Liberdade ,  
Que saberá mostrar quanto lhe es caro.  
O' Deidade gentil quanto me é doce  
Tua presença angelica e fagueira !  
Que gratas emoções sincero exprime  
Teu coração benigno e generoso !  
Sempre a meu lado companheira amavel ,  
E serei venturoso ó Liberdade.

LIBERDADE.

Companheira fiel sempre a teu lado  
Me encontraste nos dias de amargura  
Sempre por ti solícita e extremosa,  
Qual carinhosa Mai regi teus passos.

BRASIL.

As ternas expressões com que me acolhes  
Teu benevoló peito assaz demonstrão.  
Sei quanto prezas as venturas minhas  
Desde o feliz momento em que a meu lado  
Companheira fiel meus passos reges.  
Porem articulados sons não bastão  
P'ra minha gratidão manifestar-te ,  
Chega a meu peito e a expressão sincera  
Sente em meu coração que não te illude.

( Abração se. )

LIBERDADE.

Tres séculos de tormento e de agonia



Brasil passaste em oppressão medonha  
De fêa escravidão horrendo nome.  
A teus ouvidos tremulos soava :  
A cada instante o sangue de teus filhos  
Vias nos proprios lares derramado :  
O direito de queixa era alto crime ;  
Era qual planta exótica o motivo  
De escarneo, de ludibrio, e vilipendio.  
Mas nesses tempos de memoria horrenda ,  
Em que o calix da dôr sorveste a tragos ,  
De te ajudar vedavão-me os destinos.  
Passarão-se esses dias de agonia ,  
E a vontade de um Deos manifestou se  
Em pôr um termo aos teus padecimentos.  
Como raio, veloz voei á America :  
Entrei em teus estados, acolhida  
Entre festivos brados por teus filhos ;  
E no preclaro Sete de Setembro  
Sem verter-se de sangue uma só gotta  
A victoria alcançaste, e a Liberdade  
Viste ligada a um Throno em teu Imperio.

BRASIL.

Essas doces palavras me arrebatão !  
Essas recordações me são jucundas !  
Um dia como este grato e bello  
Aos filhos do Brasil trouxe a ventura.  
Como este um sol risonho e prasenteiro  
Raiou naquelles montes, dissipando  
Da triste escravidão espessas nuvens.  
Clamei logo por ti o Liberdade !  
Minha voz que abafada então jazia,  
As phalanges rompeo do despotismo ;

Retumbou do Merim ao Oyapock ;  
E meus valentes filhos reunidos  
Bradaram : salve Sette de Setembro !  
Salve da Liberdade grato dia ! !.

LIBERDADE.

E justo teu praser, um Deos Clemente  
Teus destinos trocou n'um Céu de gosos.  
Em consorcio ditoso unido um Throno  
Aos preciosos dons da Liberdade,  
Desfructas a ventura, a paz e a gloria.  
Mas os doces praseres, as delicias,  
Que gosas nestes dias venturosos ,  
Jamais lancem ao triste esquecimento  
Altos deveres de um Irmão querido.  
Abrasado no ardor da Liberdade  
O Prata esse Gigante do Cruseiro  
Como tu conquistou a Independencia,  
Despedaçando o laço que o prendia.  
Decorreram os tempos, mas seus filhos,  
Abusando dos bens que eu lhes doava,  
Sacrificão-se cegos aos horrores  
Que produz a licença em seus delirios.  
A ambição do mando o egoismo  
Divide essa familia em oppostos grupos.  
Já mil opiniões invadem o imprensa,  
Em quanto os mais freneticos nas armas  
Buscãõ alucinados seu triumpho.  
Eis a guerra civil entrando ufana  
Por esse territorio, e semeando  
Por toda a parte ferro, fogo e sangue.  
Já da ausencia da Lei, do esquecimento  
Dos sociaes deveres a anarchia



Nasce , e firma tambem o seu dominio.  
Então neste concurso de desgraças ,  
No meio do geral deslumbramento  
O despotismo mais veoz que o raio ,  
De protector nas vestes envolvido,  
Hypocrita fazendo acreditar-se  
Restaurador das Leis e Pai da Patria,  
Na magistral curul se assenta ufano  
Entre as acclamações de um povo cego !  
Bem depressa despindo de cordeiro  
Apelle , que esse monstro disfarçava,  
Conheceram o tigre sequioso  
A quem entregues tinham seus Destinos.  
Agora em vão seus pulsos algemados  
Vingar pretendem o sangue de seus filhos ,  
Que o barbaro derrame a todo o instante.  
Es tu a esp'rança unica que resta  
Ao desgraçado . . . eia sem demora  
Salva teu caro Irmão ; e a Liberdade.

BRASIL.

Ah quem pôde escutar tantos horrores  
Sem sentir reverter-lhe o sangue em raiva !  
Corre veoz , querida liberdade ;  
A's margens vóa do saudozo Prata ,  
E atoca os males seus com a noticia  
De que ao monstro feroz, que a terra opprime  
O Brasil vai tomar restrictas contas.

LIBERDADE.

Esta missão gostosa cumpiriria  
Se avesin har-me ao Prata fosse dado  
Sem que por tal seus filhos padecessem.



Mas Ah! depois que o Despotismo impera,  
Proscripta, perseguida e desterrada  
Atè meu nome se tornou um crime !...

BRASIL.

Juntos devemos partilhar a gloria :  
Eu parto a rennir meus caros filhos ;  
Tu inspira em seu peito amor da patria  
E afrente de um exercito de bravos,  
Mostremos ás Nações do mundo inteiro  
Que a escravidão a America detesta.

LIBERDADE.

Jà posso respirar : os Céos propicios  
Guiem teus passos, corôem teus esforços.

BRASIL

Agredido sempre aos teus favores ,  
Por ti darei contente o sangue e a vida.

LIBERDADE

A tua gratidão bem reconheço :  
Mais provas não exijo ; tão somente  
Quero que fiel trilhes meus vestigios.  
Ama teus filhos ; teu Monarcha préza ;  
Préza a Constituição ; as Leis acata ;  
Sustenta sempre a tua Integridade ,  
E evita o monstro , que o socego odeia.  
Só assim poderás viver ditoso.  
Abraça estes conselhos salutaes ,  
E colheràs os preciosos fructos ,



Que offrece a verdadeira Liberdade.

BRASIL. ( offerecendo a dextra )

Em quanto o Sol fulgir no Firmamento,  
Em quanto ao Mar correr o Amasonas,  
Brasil e Liberdade em liga eterna  
Unidos viverão . . . .

LIBERDADE.

Os Ceos permittão ( vão-se )



### Scena 6.<sup>a</sup>

( *Diminue-se a claridade no scenario* )

### Despotismo

Jamais perméttirão . . . stais illudidos.  
A infernal união que ora jurastes  
Para meu exterminio , . . não , não pode  
Prevallecer contra o poder da força ,  
Contra os manejos de vulpina astueia ,  
Com que soube dotar-me a Natureza.  
Primeiro linsongeio a Liberdade ;  
Ajudo a levantar os seus altares ,  
Pelas massas do povo demonstrando  
Quanto da oppressão sou inimigo.  
Depois que o popular entusiasmo  
Tomou gráu de frenetico delirio ,  
Eis-me qual Patriarcha , ou Pai da Patria  
Naquelle tom comque se falla ás turbas  
Mostrando que periga a Liberdade,  
Si a Nação reunida a não deffende,  
Derramando por ella o proprio sangue.



Estas frases o povo allucinando,  
Grita-se contra feros oppressores,  
Sem que exista oppressão; e um tal pretexto  
Vai dando occasião a enormes crimes.  
Neste de oscillação estado horrivel,  
Cumpre aos bons Cidadãos com leis severas  
Salvar o seu Paiz de tal abysmo.  
Mas então clamarei leis e governo  
Nos querem usurpar a liberdade !  
Seus illegaes decretos não se cumprão !  
Toda a soberania está no Povo !...  
Estas palavras agradaveis sempre  
Para lisongear paixões infrenes  
Calão nos corações profundamente.  
Já grupos se reúnem percorrendo  
D'uma Cidade as ruas em tumulto,  
Dando vivas e morras de mistura.  
Nesta espantosa confusão de cousas,  
Todos supõem que o mal stá no Governo:  
Já se mudão as formas; mas não muda  
A indole do povo; sempre credulo  
Com fé robusta assente á novidade.  
Abaixo os oppressores ! gritão todos,  
E viva o deffensor de nossos foros !  
Então no meio de festivos vivas  
Eis-me acclamado como Pai da Patria,  
P'ra suffocar esta anarchia horrenda,  
Que eu mesmo fomentei com negra astucia  
Como Chefe supremo do Estado  
Cumpre-me pôr a força ao meu aceno:  
Carceres, proscipções, ou morte aos grandes  
Aos pequenos porèm esta legenda:  
— Minha vontade é Lei — e desta forma



O Despotismo á pouco detestado  
Passando por politico profundo  
Aos olhos das Nações da sabia Europa  
Vai seu throno firmar sobre as ruinas  
De ùa mal entendida Liberdade.



**Scena 7.<sup>a</sup>**

A MESMA, E O BRASIL.

BRASIL. (*horrorizado*)

Que pretendes ó monstro? eu não me illudo!  
Essa presença horrenda, que revela  
Negra Furia surgindo dos infernos:  
Na dextra esse mortifero instrumento...  
E os vestidos teus ensanguentados!  
Assaz inculção fero Despotismo!...  
Que pretendes ó monstro nestas plagas?

DESPOTISMO.

Não venho perturbar o teu Imperio,  
Pois a tanto não chega o meu dominio.  
Porem se um tal favor do Ceo mereces,  
Cumpre-te estar tranquillo em teus estados,  
Conservando-te neutro quando as armas  
Devão solver questões entre visinhos.  
Deixa pois o projecto e ardua empresa  
De auxiliar na guerra esses selvagens.

BRASIL.

Debalde intentas transtornar meus planos,



Nada conseguirás, tenho pensado.  
 Empunhando na dextra a espada ou lança  
 Não vingo só do Irmão altas affrontas;  
 Vingo o Brasil também ludibriado  
 Por um Despota audaz e deshumano;  
 Vingo ainda a America ultrajada  
 Por tão horrendos crimes praticados  
 Num paiz que merece melhor sorte:  
 Vingo emfim a toda a humanidade  
 Livrando-a de um monstro que a degrada.

DESLOTISMO.

Não queres attender-me, eia prosegue  
 Em teu firme proposito; mas treme  
 Ante horriveis desgraças, que te aguardão.  
 De valentes soldados um exercito  
 Provarão meu poder... ai dos vencidos!

( Vai se )



Scena 8.<sup>a</sup>

BRASIL.

Vai, não manches ó monstro por mais tempo  
 Este bello terreno, que profanas.  
 Tuas vis ameaças não me atterrão:  
 Um Deos protege a causa da justiça.



Scena 9.<sup>a</sup>

( Avirão-se as luzes )



◉ MESMO E A LIBERDADE.

LIBERDADE.

Não ha tempo a perder, Brasil, teus filhos  
Só esperão signal, e aguerridos  
Te acompanhão ao Campo da Victoria.  
Eia ás margens do Prata. . . .

BRASIL.

Sim ao Prata

*Vaõ-se.*

◉ GENIO TUTELAR

*( atravessando a scena )*

Eu vos sigo tambem ; um Deos o ordena.



SEGUNDO QUADRO.

O Theatro representa um vasto campo proximo a capital da Confederação Argentina. Ao lado uma caverna, cuja entrada é a fenda de um rochedo. A acção passa-se na noite de 2 e dia 3 de Fevereiro de 1872.



**Scena 1.ª**

O PRATA

*( triste e pensativo )*

Que tristes e enlutados pensamentos  
Esvoaçando pela mente afflicta  
Vem sepultar minh'alma em negra noite ?  
Que lembranças amargas, que agonias



Traga neste momento um Pai solícito  
Ante a desgraça dos queridos filhos !  
Outr'ora tão feliz , tão venturoso  
Infortunios crueis não me assaltavão :  
Em praser perennal passava o dia  
Deste meu paraizo contemplando  
Delicias que offertava-me a natura ;  
E quando a noite os mortaes chama ao repouso  
Brando leite de rosas me aguardava.  
Mas esses bens , como ligeiro sonho ,  
Como a nuvem oh! Ceos ! se dissiparam.  
A doce Liberdade , o meu paladio ,  
Destes campos fugindo espavorida  
Ante o fero poder do Despotismo ;  
A escravidão meus pulsos arroxando ,  
O sangue de meus filhos derramado ,  
Eis o quadro horroroso que se offrece  
Ao desditoso Prata a cada instante.  
Mas na fatal peleja deste dia  
Ha-de a tantos tormentos pèr um tyranno  
Ou a morte cruel , ou a victoria.  
Ahl nem brilho um reflexo de esperança !  
Forçado pelos golpes do infertunio  
A pôr em crua guerra os caros filhos  
Contra tão poderosos inimigos,  
Eu só espero a dôr de uma derrota ,  
Si a protecção de um Deos não me auxilia !...  
Porem na quella Dextra omnipotente { transição }  
Que das Nações dirige altos destinos  
Puz a minha esperança , o meu futuro.  
Ella protege a causa da justiça ,  
É inexoravel pune a iniquidade. ( siasmo )  
Já não temo os furores do inimigo; { com enthu



Nem da peleja horriveis consequencias.  
Eu já diviso os louros da victoria  
Para coroar a fronte de meus filhos.  
Vamos votar nesta ditosa noite  
Meu sangue à Liberdade ; o resto á sorte...

*(Dá alguns passos para sahir;  
mas aristando a lua suspende  
e canta )*

Astro benigno e fulgente ,  
Que alindas diva morada  
A tua luz dezejada  
Nossos corações alente.

Da Noite as trevas rompendo ,  
Mostre ao cruel inimigo  
Os horrores do perigo,  
Nosso valor conhecendo.

Prasa ao Ceo , e á boa sorte  
Que essa luz cheia de gloria  
Nos alumie a victoria  
E ao tyranno dura morte.



### Scena 2.<sup>a</sup>

O MESMO O BRÁSIL E LIBERDADE.

BRASIL E LIBERDADE.

Os Céos oução teu canto e a Divindade  
Ao heróe do Cruseiro ame e proteja.

PRATA

Sejais bemvindos , genios protectores  
A estes campos , onde o Prata afflicto ,

Prompto a buscar a liberdade ou a morte  
O auxilio de um Deos triste invocava.

LIBERDADE

Temer não deves já de fero imigo  
As sanguinarias furias , nem a sanha  
Do bando vil que seu poder alenta.  
Eis a teu lado a propria Liberdade  
Eis o Brasil , o teu irmão querido  
Que ambos por tua gloria interessados  
Jurámos deffender-te , á todo o custo.

PRATA

Sim eu vos reconheço, infindas graças  
Recebei deste peito agradecido ;  
E este paiz , e meus amados filhos  
Vejão em vós dous Anjos Tutelares.

BRASIL.

Ao lado de um irmão que te venera  
Não temas que te ultraje o Despotismo  
Esse monstro feróz , com que o Supremo  
Pune dos povos a tenaz cegueira.  
Nas plagas do Desterro venturoso  
Alegre rodeado de meus filhos  
Commemorava o dia glorioso  
Que alumiou a nossa Independencia.  
Então soube de tuas agonias  
Das duras oppressões , que supportavas ,  
Curvado ao fero jugo de um tyranno ;  
E prestes a arrostar cruel peleja  
Sem forças, sem socorro , sem esp'rança.



Cuidadosa por ti a Liberdade  
Este Anjo Bemfeitor que me acompanha.  
Foi quem me revelou tuas desgraças,  
Pedindo em teu favor o meu auxilio.  
Veloz como o relampago já parto  
A reunir os meus valentes filhos ;  
Minha voz de trovão sôa nos montes  
Atravessando os campos e as Cidades ,  
« Defeza á Liberdade , que opprimida ,  
« O teu valor invoca , o' Brasileiros. »  
Estas abreviadas frases supprem  
Longas proclamações , grandes discursos.  
Vibrando as cordas do patriotismo  
Corage' e ardor nos corações inspirão ;  
E em quanto a aquella Lua prateada  
Cinco vezes rodou o terreo globo,  
Mil valentes heróes ao meu reclamo  
Em torno de seu Pai eis reunidos ,  
Promptos a pelear ao meu aceno.  
Não temas caro irmão , eia voemos  
Ao encontro do barbaro inimigo .  
Cingir-te-hei a corôa do triumpho  
Triunfando tambem a Liberdade.

PRATA

Oh Brazil magnanimo , quem pode  
Desconhecer o teu poder ingente ,  
Vendo-te á frente de aguerrido exercito  
Que outr'ora derrotando mil phalanges ,  
Da escravidão quebraste os duros ferros ;  
E a vista de teus feitos gloriosos  
Tremeo a Lysia e admirou-se o Europa?!  
Nas veias de teus filhos inda gira



De valentes avós , o nobre sangue.  
 Forão dos Cahetès os descendentes  
 Que á Pernambuco um nome illustre derão :  
 Bravos Tuminambás , e bellicosos  
 Aymores a Bahia eternizarão :  
 No Pará os Tapuyas tão formosos,  
 Na Parahiba os fortes Pitagoares ,  
 E os Tupiniquins trataveis , meigos  
 Lá no Porto Seguro combateram.  
 Igualmente seus feitos demonstraram  
 Em prol da cara Patria e de seus lares  
 No Nicteroy os inclitos Tamoyos ;  
 Os Carijós nas praias do Desterro  
 E no solo da insigne Paulicéa.  
 Nestes campos tambem, onde hoje pizas,  
 Inda vive um punhado de aguerridos ,  
 Que de illustres avós as cinzas honrão.  
 Dos valentes Charrúas , Minuanos ,  
 Guaycurús formidaveis á cavallo  
 Alguns filhos existem, que inda présão  
 A sua liberdade e a deffendem.  
 Unamo-nos , Brasil , e á sua frente  
 Mostremos ás Nações que o Despotismo  
 Não pode se acolher em nossa America,

LIBERDADE.

Essa união tão justa os Céos protejão !  
 Mas no meio do vosso enthusiasmo  
 Não se olvidem as regras da virtude.  
 A par do soffrimento nos trabalhos ,  
 De valor e coustancia nos perigos,  
 Generosos sereis quando a victoria  
 Venha coroar a vossa valentia ,



E humanos também para os vencidos  
Não mancheis o futgor da vossa gloria.

BRASIL E PRATA

São esses nossos votos ; thestemunha  
De nossos corações a Divindade.

BRASIL.

( *Dando a dextra ao Prata* )

Quando a manhã o Sol resplandecente  
Estes campos doirar com seus reflexos ,  
Allumiarà também irmão querido  
A nossa Liberdade ou a nossa morte.

PRATA

Ou conquistar a doce Liberdade  
Ou a morte no campo da batalha.

*Vaõ-se.*



### Scena 3.<sup>a</sup>

LIBERDADE.

Ide , o' amados filhos ; esse campo ,  
Onde jogar se devem meus destinos ,  
Manchado não será do sangue illustre  
Dos valentes herões que me defendem.  
Sob'rano das Nações á vós entregues  
Stão os destinos seus ; e o mundo admire  
De vosso alto poder mais um prodigio.

( *Vai-se* ) .



### Scena 4.ª

DESPOTISMO E GUERRA CIVIL.

( *Entrando de mãos dadas* )

Escurece a scena formando-se uma tempestade.

DESPOTISMO.

A sorte está lançada : neste dia  
Na capital faremos nossa entrada .  
Ou vencedores entre alegres vivas ,  
Entre os hymnos de um povo entusiasta ,  
Ou ligados ao carro do triumpho ,  
Cubertos de ludibrio e vilipendio ,  
Dando pasto á vingança dos selvagens . . .  
Ah ! que lembrança horrivel quem pudera  
Decifrar do futuro horrendas sinas.

GUERRA CIVIL

Que vejo : pois já treme o Despotismo  
Outr'ora tão audaz ! Quem te acobarda ?

DESPOTISMO

Eu nada temo : uma lembrança apenas  
Pretendeo atterrar-me ; mas embora ,  
Meu valor e coragem não vacillão ;  
Não temem sombras , que dissipa o vento.

GUERRA CIVIL

Longe reccios vãos : quando a teu lado  
Inseparavel socia em mim contemplas ;



Quando ao brandir horrivel destas armas  
Mil vidas succumbir tens visto impavido,  
Não te amedronte este risonho brinco  
Que os covardes batalha denominao.  
Confia neste braço, e como raios  
Levemos ás columnas do inimigo  
Sangue, devastação, ruina e morte.

DESPOTISMO

Respeito teu poder : é sobre o sangue  
Que fazes derramar, é sobre as ruinas,  
Com que a Guerra Civil aos povos brinda,  
Que meu throno levanto, e ferreo sceptro  
Inexoravel nesta dextra empunho.  
A' tua sombra pois eu só vegeto,  
Se por um anno ergues teu dominio,  
Dez annos de poder grata me outorgas.  
Se teus excessos prenhes de desastres  
Geraram os horrores d'anarchia,  
Vejo minha ventura coroada.  
Eis-me invocado pelo afflicto povo  
Que cançado de horriveis desatinos,  
Quer repousar á sombra de uma dextra,  
Que ao presente delirio ponha termo.  
Oh ! se toda a Nação assim pensasse . . .  
Então com leis suaves e benignas  
Como as doces cadêias, que aqui trago,  
Agrilhoando os povos, já submissos,  
Inda uma vez contente folgaria  
Tendo debaixo desta mão de ferro  
A sorte das Nações do mundo inteiro.  
E acaso teu poder se estende a tanto,  
Que esta minha ambição saciar possa ?



GUERRA CIVIL

Pois ainda do meu poder duvidas ?  
Si desgraças precisas , se infortunios  
Para consolidar teu predomínio  
Infortunios , desgraças não produso ?  
Quando de um povo cego e allucinado  
Invoca-me o delirio , thestemunha  
Tens sido de crueis atrocidades.  
Tu vês que a Religião desaparece;  
Os Seus ministros são ludibriados :  
Seus divinos preceitos esquecidos :  
Abafa-se o clamor das consciencias :  
Da natureza as vozes não se escutão :  
O pai é pelo filho assassinado :  
No sangue fraternal se banha a espada :  
Nos braços da consorte morre o esposo ,  
E aos gemidos dos orfãos não se attende.  
A infeliz viuva ao desamparo  
Envolvida na dor , no pranto e lucto  
Em vão clama justiça , os seus clamores  
Dos verdugos escarneo só provocão.  
Mas inda aqui não para o negro carro  
De atroz revolução , os monumentos  
Que attestão dos maiores alta gloria ,  
São pela mão do crime derrocados.  
Perecem os mais santos institutos :  
Os livros onde os sabios consumiram  
Aturadas vigílias , as pinturas  
Que traçou o pincel d'habeis artistas  
Ao vortice das chammas se condemnão.  
Eis a guerra civil : que mais precisas ,  
P'ra firmar teu dominio , que mais queres ?



DESPOTISMO.

Essas doces palavras que proferes  
Entornão neste peito . . . Ah que digo ? . . .  
Que vejo , que exprimento d'entro d'alma ! . . .  
« O Pai é pelo filho assassinado . . .  
« No sangue fraternal se banha a espada . . .  
« Nos braços da consorte morre o esposo ,  
« E aos gemidos dos orfãos não se attende . . .  
Assim disseste, e a meus ouvidos são  
Inda estas phrases negras como a noite;  
Mas que horriveis verdades bem exprimem !  
E o castigo que aguarda o desgraçado  
Que prosterrou as Leis da Divindade ,  
Causando horror á propria Natureza ? . . .

GUERRA CIVIL

Tarde reflectes no painel dos crimes !  
Não te podem valer esses temores ,  
No momento em que o campo da batalha  
Só deve decidir de teus destinos.

DESPOTISMO

Tu te illudes . . . aqui não ha fraqueza . . .  
É a voz do remorso , que tardia  
Agora escuto pela vez primeira !  
Ah como são agudos seus espinhos !  
Que fel amargo eutorna-se no peito !  
Parece que os espectros horrorosos  
De victimas por mim sacrificadas,  
Voando neste solo ensanguentado,  
Bradão vingança contra seu verdugo !

GUERRA CIVIL

Eu já te comprehendo ; a covardia  
É dos despotas socia inseparavel.  
Fica embora, eu te deixo, mas escuta  
Uma grande verdade que occultei-te :  
Quando um poder feroz e deshumano ,  
Como esse que firmaste sobre o povo,  
Que tão cruel tu tens atormentado  
Chega ao zenith de negra tyrannia ,  
Então sò no terror encontras baze.  
E si a frieza acaso, ou a negligencia  
Do tyranno affrouxou a authoridade,  
Infeliz d'elle ! victima infallivel  
De mil punhaes succumbirá aos golpes  
Desses que por temor só se centinão.

DESPOTISMO

Da raiva popular victima . . . nunca !  
Ao campo da batalha, e a victoria,  
Ou a morte cruel

GUERRA CIVIL

Tudo é triunfo.

( *Vão-se* )



**Scena 5.ª**

Serena a tempestade , e a claridade do dia vai apparecendo.  
Ouveu-se ao longe tiros d'artelheria.

LIBERDADE.

Nos campos de Moron já sôa o bronze ,  
Yomitando os mortiferos pelouros



Ante os quaes mil soldados valorosos  
Caem baltuciando o adeos extremo !  
O ronco do canhao meu peito aterra !  
O sibilo das balas me horrorisa !  
Ah parece me ouvir dos caros filhos . . .  
Estas vozes « perdão para os vencidos »  
E logo a espada erguida pela dextra  
De barbaro e inhumano duro golpe  
Descarregar sobre o infeliz que implora !  
Oh Soberano Deos, que das victorias  
Dispondes em favor da justa causa,  
Olhai benigno para vossos filhos,  
Q' offertando seu sangue, sua vida,  
A causa da justiça hoje defendem.



### Scena 6.<sup>a</sup>

A MESMA O BRASIL E O PRATA

(Que entrão arrebatadamente e se abração em silencio. Apoz instantes entra a Victoria seguida do Despotismo e Guerra Civil algemados.)

VICTORIA

Os louros da victoria e do triumpho  
Ao valente Brasil, ao Prata egregio !  
Aos inimigos seus ruina e morte!

(Entrega uma corôa de flores ao Brazil e outra ao Prata.)

LIBERDADE.

E ao Deos Beneficente gloria excelsa!



**Scena 7.<sup>a</sup>**

OS MESMOS E GENIO TUTELAR

Deos protege o Brasil e o felicita !

BRASIL E PRATA.

O' Genio Tutellar bem vindo sejas.

GENIO.

Brasil a tua gloria immarcessivel  
Duradoura será , em quanto os rios  
Que cortão este vasto territorio ,  
Ao seio do Atlantico marcharem.  
O nobre feito de que déste exemplo  
Pela primeira vez neste hemispherio,  
Lavra entre as benções da posteridade  
Uma pagina de oiro em vossa historia !  
Ditoso Prata , agradecido sempre  
Ao generoso irmão, que te protege,  
Cultiva em relações firme amizade :  
Inspira aos filhos teus patriotismo ,  
Religião , ás Leis obediencia  
Amor á Liberdade , e sempre cauto  
Detesta d'anarchia os resultados  
E tu oh Liberdade , a cuja sombra  
Florescem dois irmãos Brasil e Prata ,  
Sobteu aureo sceptro magestoso  
Defende do ominoso Despotismo  
E da guerra civil sempre funesta  
Os dous Jovens , que os Céos te confiaram.



DESPOtISMO (*para a Guerra Civil*)

Si tu não foras , monstro detestavel,  
Neste lugar tremendo não me achara ;  
Nem seria odioso ao mundo inteiro  
Como vil opressor da humanidade  
Mas a horrenda memoria de meus crimes  
Seja bastante , ó' Deos , pra meu castigo !

GUERRA CIVIL.

E si os homens despídos de egoismo  
Viver quisessem , como irmãos , unidos  
Não soffrerião minhas consequencias.  
Prasa áos Céos que os horrores que produzo  
A' humanidade sejam vivo exemplo!

GENIO.

Vós que opprimido tendes até agora  
Com nefandos ardis do Prata o solo ,  
O sangue derramando de seus filhos ,  
Como justa sentença de taes crimes  
O Anjo da victoria vos encerre  
Naquelle escuro antro , onde raivosos  
Em remorsos sem fim se despedacem .  
Ficando livre assim a humanidade  
Dos verdugos crueis que a opprimião !

( A Victoria conduz o Despotismo e Guerra Civil a uma caverna, onde os fecha. )

E tu , Brasil , de louros adornado  
Caminha ás plagas do Exilio e Desterro ,  
Para commemorar o anniversario

Da ditosa vizita sempre grata  
Do egregio Par que rege teus destinos

*(Vai-se)*

BRASIL E PRATA.

O' Genio Bemfazejo a glorie é tua.

VICTORIA

Por fim triunfa a causa da justiça :  
Eis a legenda que orna esta auriflamma !  
O Brazil de uma crôa immarcessivel  
Cingida vê a sua fronte augusta.  
No seio da victoria o Prata exulta ,  
Do tyranno cruel desaffrontado.  
E os inimigos seus assaz puuidos  
Execranda memoria ao mundo deixão.  
A vós só cabe o' Deos Omnipotente  
Desta acção o louvor , a honra , e gloria !

*(Retirando-se)*

LIBERDADE.

Do Anjo da Victoria o patrocínio  
Balhe sobre os heróes americanos.

BRASIL.

*(Dando a dextra ao Prata)*

Unidos no triumpho e na ventura,  
Seremos no revez tambem unidos.



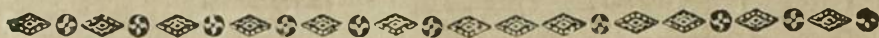
PRATA

A' tua gloria votarei meu sangue ,  
De minha gratidão leal tributo.

( *Vão-se.* )

LIBERDADE.

Essa doce união os Céos protejão  
Para gloria eternal do novo Mundo !



TERCEIRO QUADRO.

O Theatro representa uma sala Imperial, no centro as effigies de SS. MM. sob docel, que a seu tempo estarão prontos. São 12 de Outubro de 1852, septimo anniversario da visita dos Augustos Hospedes á rovincia de Santa Catharina.



**Scena Unica.**

GENIO TUTELAR, BRASIL, VICTORIA, LIBERDADE  
UM CÔRO DE VIRGENS

GENIO.

—Triunfou o Brasil e a Liberdade  
Nos gloriosos campos de Moron ! —  
Este brado festivo resoando  
Do Prata ao Amazonas , entre vivas  
De puro enthusiasmo é acolhido  
Neste de Santa Cruz excelso Imperio !  
Depois , que alto valor assaz provastes ,

Num combate renhido e ensanguentado ,  
Legando á post'ridade um nome illustre !  
Coroados do diadema da victoria  
Voltai aos meigos braços do Desterro ,  
Este seio de Abraham , onde tranquillos  
Vindes gosar doçuras de um triumpho.  
Mas neste venturoso e grato dia  
Em que alegres tornais a estas plagas,  
Celebrão os leaes Catharinenses  
Essa visita sempre tão lembrada  
Do Par Excelso , Pio , e Magnanimo,  
Que do Brasilio Imperio a sorte rege.  
Nossas vozes fieis unindo às suas,  
Respirando o praser que elles respirão,  
Brademos com sincero enthusiasmo:  
**VIVÃO PEDRO , THEREZA E A PROLE AUGUSTA.**

*Correm se as cortinas do Docel e apparecem as Effigies  
de SS. MM. II. entoando-se immediatamente o seguinte*

## HIMNO.

Salve Dia venturoso .  
Que a nossa Patria engrandeces ,  
De gratidão puros votos  
E mil louvores mereces.

Os Cath'rinenses  
Tem por brasão  
**PEDRO , THEREZA ,**  
Constituição.



Do Brasil o Bom Monarcha  
Deixa da Côrte os prazeres:  
Do caro Filho se Auzenta  
Por cumprir justos deveres.

Os Cath'rinenses &c.

A par d'Augusta Consorte  
Esquece o furor dos mares:  
Da-nos puro regozijo  
Vizitando nossos lares.

Os Cath'rinenses &c.

Dos Leaes Catharinenses  
Ficará sempre em memoria  
Esta acção tão generosa ,  
Que abrilhanta a sua historia.

FIM.





## ERRATAS NOTAVEIS

- Pag. 9 v. 12, diga-se : Juizos Divinaes.  
Pag. 11, do v 7.º até 12 , Falla o Brasil.  
Pag. 14 v. 16 diga se — que o barbaro derrama  
Pag. 18 aos interlocutores da 7.ª Scena — lêa se  
A Mesma e o Brasil.  
Pag. 21 v. 9 lêa-se : Brando leite de rosas me  
aguardava.  
Pag. ,, ,, v. 20 , diga-se ; Ha-de a tantos tormen-  
tos pôr em termo.  
Pag. ,, ,, v. 22 — lêa se; Ah! nem brilha um re-  
flexo &.  
Pag. 31 v. 9 — lêa-se: Então só no terror encon-  
tra baze.





25165





PCH













